



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Ciência Política

MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

Promoção Funcional ao Cargo de Professor Titular

Julho 2020

Márcia Grisotti

Departamento de Sociologia e Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

E-mail : marcia.grisotti@ufsc.br

O Memorial apresenta o conjunto de atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração desenvolvidas ao longo de minha carreira como professora da UFSC. A apresentação das atividades começa com um breve relato de meu ingresso no curso de ciências sociais, no mestrado em Sociologia Política e, posteriormente quando desempenhei atividades de ensino e pesquisa na qualidade de professora substituta até meu ingresso em março de 1997 como professora efetiva do Departamento de Sociologia e Ciência Política.

Saliento que os documentos comprobatórios anexados refletem a descrição das atividades deste Memorial e que outros documentos relativos às atividades desenvolvidas no período estão disponíveis, para consulta, nos processos de Progressão Funcional que foram apresentados, e aprovados, junto ao Departamento de Sociologia e Ciência Política ao longo do tempo.

Florianópolis, junho 2020

Memorial de atividades acadêmicas

No ano de 1983 ingressei no curso de Ciências Sociais da UFSC, finalizado em 1987. Juntamente com o bacharelado exerci atividades junto ao Movimento Ecológico Livre, um movimento social com forte atuação no debate sobre o modelo de desenvolvimento turístico da cidade de Florianópolis. Apesar da atuação local, o grupo era composto por profissionais e professores ligados à temática ambiental, o que tornava o movimento protagonista e disseminador de propostas consistentes no âmbito dos debates ambientais locais e nacionais. Participei de vários encontros nacionais de movimentos ecológicos e tive contato com membros de movimentos ecologistas internacionais, ao mesmo tempo em que percebia uma certa resistência de outros movimentos sociais que consideravam o debate ecológico, naquela época, distante das necessidades dos trabalhadores e populações excluídas (uma contradição hoje superada, de certa forma, devido ao aumento da percepção da interdependência entre questões ecológicas e pobreza).

Destaco, nesse movimento social, a participação do Prof. Eduardo Viola (hoje professor aposentado em Relações Internacionais da UNB), o qual tive o privilégio de ser por ele orientada durante dois anos de bolsa de Iniciação Científica. O projeto versava sobre as idéias políticas do movimento ecológico em Santa Catarina e me permitiu viajar pelo Estado realizando entrevistas com atores sociais de diversas tendências ideológicas. A realização de pesquisas e a participação, como aluna especial, na disciplina “Ecologia Política”, ministrada pelo Prof. Eduardo Viola na Pós-graduação em Sociologia Política da UFSC, durante o meu curso de graduação foi fundamental e sedimentou a decisão em seguir a carreira acadêmica. Até hoje, sempre que percebo algum (a) aluno (a) de graduação motivado e com capacidade para estudos avançados, incentivo a participação em disciplinas optativas da Pós-graduação.

No ano que finalizei o curso de graduação (1987) realizei o concurso para o Mestrado em Sociologia Política da UFSC, iniciado no ano de 1988 sob a orientação do Prof. Eduardo Viola. No ano seguinte, passei a ser orientada pelo Prof. Paulo Freire Vieira, em decorrência da transferência do Prof. Viola para a UNB. Prof. Paulo Freire Vieira foi meu professor na disciplina de Epistemologia e Linguagem

das ciencias sociais, a melhor disciplina que tive na graduação, não somente pela temática mas pela excelência do Prof. Paulo na condução da disciplina e estímulo ao aprendizado. Lembro-me da bibliografia extensa que foi recomendada e da ajuda de meu pai para a compra de livros que fomentaram a minha biblioteca pessoal e me ajudaram a compreender os pressupostos básicos dos estudos sociais da ciência (tema que mais tarde será retomado, por exemplo, no doutorado e no projeto de pesquisa: Os sentidos da ciência (sobre o Movimento Marcha da Ciência).

Desde o mestrado meu tema de pesquisa estava voltado à saúde. Entrei no Mestrado em 1988, ano da promulgação da nova Constituição brasileira. O capítulo reservado à saúde na Constituição e as Leis Orgânicas de 1990 foram os ingredientes estruturais para a decisão de estudar a implementação do SUDS (mais tarde SUS). No entanto, a realização da disciplina de Antropologia da Saúde, ministrada pela Prof. Esther Jean Langdon me desafiou a refletir os fatores estruturais juntamente com as representações e agenciamentos individuais e grupais, os quais culminaram na questão: Por que apesar do acesso universal à assistência médica (viabilizado pelo SUS) um número significativo da população encontra, através de canais heterogêneos e até antagonistas de medicina e religião, outras formas de acesso e tratamento? Procurei responder essa pergunta na dissertação *Sistemas Médicos: oficial, familiar e paralelo. Estudo de percepção e comportamento em relação ao processo saúde-doença numa comunidade de baixa renda*, defendida em 1992 e cujos resultados foram publicados posteriormente no artigo: *Políticas de saúde e sistemas médicos no Brasil*. Revista Katalysis, Florianópolis, v. 3, p. 49-62, 1998. O Mestrado foi concluído em 1992.

Durante o mestrado também fiz o curso “Filosofia para crianças” no instituto Yazigi, em São Paulo. Esse curso foi idealizado por Matthew Lipman (professor de filosofia na Columbia University) e a proposta não era ensinar idéias filosóficas ao público infantil, mas utilizar os instrumentos de reflexão filosófica para ajudar a criar habilidades de raciocínio na educação básica. Posteriormente, ministrei um curso aos professores de uma escola de ensino infantil no município de Lages/SC.

Em 1993, passei no concurso para professora substituta no Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC e ministrei disciplinas em vários cursos dessa Universidade, especialmente os vinculados à área de saúde, até o ano de 1996. Esse período foi importante tanto em relação ao aprendizado das ferramentas de ensino quanto das habilidades necessárias ao trabalho interdisciplinar (afinal era

professora de sociologia nos cursos da área de saúde). Além do ensino desenvolvi atividades de pesquisa e extensão. Inicialmente participei do Núcleo Transcriar (Processo de Viver e Ser Saudável) e posteriormente o NEPEPS (*Núcleo de Extensão e Pesquisa em Enfermagem e Promoção da Saúde*) ambos núcleos de pesquisa eram compostos basicamente por professores do curso de Enfermagem. Ensinar e pesquisar na área de saúde remete à clássica referência exposta por Robert Straus (1957) em relação a diferença entre a Sociologia *da* medicina e Sociologia *na* medicina, onde a segunda consistiria em trabalho colaborativo envolvendo frequentemente a integração de conceitos, técnicas e pessoal de diversas disciplinas do campo da saúde, o que nem sempre é fácil

Em 1997 assumi a função de professora assistente do departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, através do concurso público realizado para a área de sociologia da saúde. Nos primeiros anos como professora efetiva do Departamento continuei ministrando disciplinas de sociologia na área de saúde e também criei a disciplina optativa *ciências sociais e saúde* para ser ofertada no curso de graduação em ciências sociais. Nos semestres onde essa disciplina foi oferecida, além dos alunos de ciências sociais houve a participação de alunos dos cursos de medicina, psicologia e enfermagem. Foi uma experiência muito rica e fundamental na proposta de constituição de grupos de pesquisas interdisciplinares, apesar de reconhecer poucas iniciativas desse tipo ofertadas na graduação. Além disso, apresentei trabalho o trabalho: *Políticas de Saúde e Sistemas médicos*” no XXIº Congresso da Associação Latino americana de sociologia (ALAS), realizado em setembro de 1997 e coordenei o projeto “*Sistema Único de saúde: Avaliação e fomento à participação comunitária no Conselho Municipal de Saúde*”. Esse projeto foi financiado pelo CNPq, sob a coordenação geral da Prof. Zuleica Patricio, no âmbito de seu núcleo de pesquisa. Ainda como atividade de extensão fui palestrante no Iº Seminário de Saúde e Meio ambiente, organizado pela prefeitura do município de Governador Celso Ramos e participei do projeto “*Reavaliando uma experiência comunitária: Análise dos encaminhamentos do I Encontro de Comunidades do Bairro Saco Grande em Florianópolis*” (no âmbito do Núcleo de pesquisa e extensão NEPEPS), experiência que culminou, mais tarde, na publicação do artigo: *Comunidade e Órgãos Públicos: quem pode resolver os problemas sócio-ambientais?* Entre os anos 1998 e 1999, orientei o TCCs com temas relacionados à

saúde da saúde, participei de bancas de TCCs e fui membro do colegiado de Enfermagem.

A partir de agosto de 1999, através de uma licença do Departamento, ingressei no Doutorado de Sociologia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação do Prof. Sedi Hirano. Além das disciplinas do Doutorado em Sociologia realizei o curso: *Epidemiologia das doenças transmissíveis*, ofertado na Faculdade de Saúde Pública. Durante o Doutorado, além do orientador estabeleci uma rede de mentores que tiveram um papel fundamental na construção de minha tese de Doutorado, entre eles cito Prof. Fernando Dias de Avila Pires (da Fiocruz) que me auxiliou, muito mais do que ele imagina, no estudo de saúde e meio ambiente, ecologia dos vetores, aspectos sociais e biológicos das doenças infecciosas e parasitárias emergentes e o Prof. François Delaporte (da Université de Amiens), o qual tive a oportunidade de frequentar um curso sobre Michel Foucault e Georges Canguilhem e de debater a problemática da tese que se intitulou: *Saúde e Meio Ambiente: A construção médica e popular de uma doença infecciosa emergente*. A pesquisa teórica e empírica permitiu avançar na análise da sociologia e história da ciência assim como nos estudos sociais da ciência. O impacto do aprendizado durante o período da produção da tese na minha formação é sentido até hoje e pode ser verificado nos vários artigos publicados e nos projetos de pesquisa que dão continuidade ao projeto de tese que buscava compreender quando uma doença se transforma em problema de saúde pública (para a ciência, para os sistema de saúde e para a sociedade). Reproduzo, no quadro abaixo, as reflexões centrais da tese:

O diagnóstico positivo de infecção pelo parasito *Angiostrongylus costaricensis* Morera e Céspedes, 1971, em alguns membros de uma comunidade do sul do Brasil, colocou em evidência a hipótese da existência de subdiagnóstico e subnotificação de doenças. A partir de uma análise mais aprofundada da literatura sociofilosófica, essa hipótese - tão consensual na biologia, na medicina, e na epidemiologia - tornou-se extremamente polêmica. A questão central colocada, com base em Latour é: como podemos afirmar a existência de uma doença sobre a qual não há conhecimento? Os estudos de Latour e colegas, ao contrário da pretensão de terem proporcionado uma nova visão sobre a produção dos fatos científicos,

tiveram como efeito uma retomada de antigas controvérsias encontradas nos trabalhos de Foucault e Canguilhem e, recentemente, Delaporte. No caso empírico estudado procurei mostrar que a doença denominada ‘angiostrongilíase abdominal’ é, de fato, uma construção científica, portanto, sociocultural. Porém, os parasitos e os vetores envolvidos são reais, e existem independentemente do conhecimento e da taxonomia, científica ou popular. Essas diferenças aparecem quando se analisa a doença em seus diferentes níveis de complexidade (individual, social e ambiental). Ao contrário de uma análise cronológica dos acontecimentos - tão própria dos manuais de medicina – procurei abordar como a ciência constrói o objeto do conhecimento, ou seja, como se deram as transformações no pensamento médico e de que maneira elas contribuem para a construção de uma doença. Nessa perspectiva, e seguindo a perspectiva de Canguilhem a ordem cronológica dos fatos tem menos importância que a ordem reflexiva dos temas que emergiram a partir da análise dos dados: Quando e porque o diagnóstico da doença através de estudos anatomopatológicos, que identificavam e isolavam o parasito, foi substituído pelo diagnóstico baseado no estudo das lesões (apoiado nas descrições de casos fornecidos pela literatura médica) e nos resultados dos testes sorológicos? Quais os fatores que tornaram possível essa passagem, e porque ela não é aceita por todos os pesquisadores? Como se passou da concepção de uma doença grave para a de uma doença assintomática e como explicar os casos que obtiveram a cura sem necessitar de intervenção cirúrgica? Como se podem enquadrar indivíduos, isoladamente, e classificá-los como normais ou patológicos, se os títulos sorológicos não são aceitos por todos? De acordo com Canguilhem analisei a arbitrariedade do uso dos resultados dos testes sorológicos na definição do normal e do patológico. Analisei na tese como as mudanças na estrutura de percepção médica e popular de uma doença comportam, também, uma mudança nas abordagens que definem e classificam o estatuto do normal e do patológico, nos métodos de prevenção e na terapêutica que elas supõem. A angiostrongilíase abdominal é considerada uma doença emergente para o pensamento médico, mas uma doença nova para a população da região investigada.

A tese foi defendida em 2003, com atribuição de *distinção e louvor* pelos membros da banca.

Ao retornar às atividades na UFSC, já como professora adjunta, ministrei disciplinas relacionadas à sociologia da saúde na Pós-graduação (Ecologia Humana e saúde e Abordagens sociológicas sobre o corpo) e na graduação (Ciências sociais e saúde, para o curso de Ciências Sociais e Sociologia e Saúde, para o curso de Nutrição). Além disso, comecei a trabalhar mais fortemente na constituição de um núcleo de pesquisa que pudesse criar mecanismos institucionais para visibilizar o campo de pesquisa e extensão em sociologia da saúde e fomentar a participação de alunos de graduação e pós-graduação nesta área temática. Assim em 2005 O Núcleo ECOS (Ecologia Humana e Sociologia da Saúde) foi certificado pelo CNPq.

No escopo das atividades do Núcleo ECOS, entre os anos 2005 e 2011, coordenei tres projetos de pesquisas: 1) *Os alimentos funcionais em supermercados no Brasil e na Holanda: Análise da construção social das alegações de saúde, o seu papel nas políticas de saúde e no perfil das escolhas dos consumidores. Financiado pelo CNPq, projeto nº 484982/2007-9*, 2) *Doenças infecciosas emergentes e a emergência das doenças: uma revisão conceitual e novas questões*; 3) *Ciência, Sociedade e Vigilância Epidemiológica: um estudo sobre os impactos socioeconomicos do surto da doença de Chagas em Santa Catarina*. E participei como integrante dos projetos coordenados por professores do curso de Enfermagem da UFSC: 1) *O itinerário das famílias com crianças na busca de cuidados à saúde e o exercício da integralidade na atenção básica*, com artigos publicados (em anexo), 2) *Rotinas de cuidados com crianças lactentes*, com artigo publicado na Revista Latinoamericana de Enfermagem (2007). Além da supervisão de projetos específicos executados por meus orientandos, entre eles; destaco: a) Governança em saúde: as políticas de controle epidemiológico e sanitário das doenças; b) O processo de “humanização” dos serviços de saúde; c) Conselhos Municipais de Saúde e articulação intersetorial; d) A relação entre trabalho e saúde em trabalhadores do serviço público. Vários artigos foram publicados em relação aos projetos (e constam na tabela da página 19 dos anexos deste Memorial).

Destaco que em 2005 o artigo: *A participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde: um estudo qualitativo* foi selecionado com **Menção honrosa no Iº Prêmio Sérgio Arouca de Gestão Participativa no SUS, organizado pelo Ministério da Saúde e CONASEMS**. A premiação ocorreu em Brasília/DF. Este artigo foi publicado na revista *Ciência e Saúde Coletiva* e posteriormente o livro: *A Saúde Coletiva entre Discursos e Práticas* foi publicado em 2006.

Em novembro de 2007, realizei um estágio de pós-doutorado de curta duração (11/2007 – 02/2008) na Wageningen University, Holanda, no âmbito do Projeto coordenado pela Prof. Julia Silvia Guivant, cujos resultados estão nos artigos publicados na tabela da pag. 21 e foram apresentados nos seguintes eventos: a) Forum de Sociologia (um evento da ISA - International Sociological Association) realizado em Barcelona, Espanha em 2008, com o título: *Health claims for functional foods: national regulations and the global market*. Disponível em: www.docstoc.com/.../BOOK-OF-ABSTRACTS-Amended-I-WORLD-FORUM-OF-SOCIOLOGY; b) apresentação do paper *Health claims for functional foods in Brasil and Europe* na conferência Food, Society and Public Health da British Sociological Association realizada em julho de 2008 em Londres; c) Apresentação dos resultados parciais da pesquisa no colóquio organizado pelo grupo de políticas ambientais da universidade de Wageningen, em setembro de 2008. Disponível em: www.enp.wur.nl/UK/.../Research+Colloquia

Em função da necessidade, cada vez mais reconhecida, de debates interdisciplinares para a compreensão dos processos e experiências de saúde-doença e de tomada de decisões institucionais em saúde organizei, junto com a equipe do ECOS, o Iº Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana, de âmbito nacional, realizado de 14 a 16 de setembro de 2010. O objetivo do seminário foi compartilhar os debates interdisciplinares bem como promover essa linha de pesquisa no âmbito das disciplinas relacionadas às ciências sociais, saúde e ecologia humana. O evento contou com a participação de pesquisadores nacionais e estrangeiros, bem como mais de 100 trabalhos em GTs inscritos (mais detalhes ver www.1ecoss.com.br)

No período entre 2011 a 2020 continuei desenvolvendo várias atividades interdisciplinares de pesquisa e extensão envolvendo perspectivas e atores sociais ligados à temática da avaliação de políticas de saúde, da sociologia da saúde e da ecologia humana. Do ponto de vista acadêmico, os projetos desenvolvidos neste período, descritos abaixo, contribuíram para dar maior visibilidade à temática no contexto das ciências sociais e estimular outras equipes de investigação e alunos de graduação (com a participação de bolsistas PIBIC), mestrado e doutorado a desenvolver investigações nessa área, no âmbito dos Programas de Pós-graduação em Sociologia Política, do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. O núcleo também

passou a estar vinculado ao INCT (Instituto Brasil Plural), na Rede Saúde: Práticas locais, Experiências e Políticas públicas, coordenado pela Prof. Esther Jean Langdon, bem como, estabeleceu parcerias com pesquisadores vinculados a vários núcleos de pesquisa em sociologia da saúde no Brasil e no exterior, procurando evidenciar o caráter interdependente dos sistemas sociais e naturais e, portanto, da integração de pesquisas básicas e aplicadas nas áreas das Ciências Sociais e da Saúde.

Entre 7 de março de 2015 a 28 de fevereiro de 2016 realizei estágio de pós-doutorado no Laboratoire d'Anthropologie Social (LAS), vinculado ao Collège de France e e à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Paris. O (LAS), fundado em 1960 por Claude Lévi-Strauss, concentra um núcleo de excelência em pesquisas etnográficas, o qual viabilizou uma rede de interlocutores e as condições para desenvolver o projeto: *Os dispositivos de vigilância sanitária e epidemiológica no contexto das doenças infecciosas emergentes: estudos de casos no Brasil e na França*. Neste período participei de vários seminários sobre os dispositivos de vigilância de pessoas e animais e da relação humanos e não-humanos e cursos, entre eles: *Sociologie de la santé* (Carine Vassy), *Anthropologie politique et morale* (Didier Fassin), *Anthropologie de la vie et des représentations du vivant* (Dimitri Karadimas e Perig Pitrou), *Surveillance et raison d'État: une théorie politique du renseignement* (Olivier Chopin). Esse último curso tratava sobre os dilemas da democracia em função dos atentados terroristas e sobre os dispositivos de segurança da população. Através das discussões e leituras foi possível fazer um contraponto entre os dispositivos de segurança em relação ao terrorismo e em relação às epidemias. Trabalhei com Frédéric Keck e seu grupo de pesquisa, que tem conduzido pesquisas etnográficas sobre as crises em saúde causadas pelas doenças em animais, inicialmente pela *Agence Française de Sécurité Sanitaire des Aliments* e posteriormente, pela Hong Kong Pasteur Research Centre, os quais lhe renderam a publicação de vários artigos, capítulos de livros e a edição do livro *Monde Grippé*, pela Flammarion em 2010. No LAS ele lidera a equipe de pesquisa “Relações Humanos e Animais: questões contemporâneas” (juntamente com Carole Ferret) e o projeto “Representações sociais dos patógenos sobre as fronteiras das espécies”,

Após a coleta de dados documentais e de entrevistas com especialistas nessa temática, percebi que precisava identificar os limites e desafios do sistema de

vigilância (de pessoas, doentes e animais) que não seriam encontrados nos documentos oficiais. Então, decidi realizar uma pesquisa empírica para analisar o contexto local do processo de registro dos dados de doenças. Como já tinha dados coletados no Brasil (Florianópolis, através de minha pesquisa, e em Montes Claros, através da pesquisa de uma orientanda) sobre casos de leishmaniose humana e canina, e como no sul da França há casos dessa doença, realizei durante dois períodos coleta de dados na cidade de Montpellier. Assim como no College de France, tive uma excelente receptividade pelos pesquisadores do IRD (Institut de Recherche pour le Développement), assim como da faculdade de Medicina, ambos em Montpellier, que me concederam entrevistas e me acompanharam nos grupos focais que realizei com caçadores e SDF (pessoas sem domicílio fixo). Esses dois grupos foram escolhidos devido a relação 'utilitária' com cães e o isso representa na cadeia de transmissão da doença no sul da França; que é diferente do Brasil, no qual os animais domésticos e abandonados tem um papel mais importante na cadeia de transmissão.

O paper « *Entre "l'amour" des animaux et la santé publique. Récits de propriétaires de chiens et professionnels de la santé au Brésil et en France* » apresentado no College de France, no âmbito do seminário « Relations hommes/animaux : questions contemporaines » expôs os resultados da pesquisa e as questões emergentes. Disponível em : <http://las.ehess.fr/index.php?1942>

Em função do projeto que coordenava sobre os impactos à saúde em relação a construção da Usina de Belo Monte/Pará, também aproveitei minha estadia na França para trabalhar com pesquisadores da Institut des Amériques (IDEA). No seminário : "Geografia, Planejamento e Desenvolvimento Sustentável na América Latina", apresentei o paper : As dimensões ambientais e de saúde de Belo Monte (Pará) e Mariana (MG). Ainda em função desse projeto, fui convidada pela Universidade de Varsóvia para participar do evento : 'Bom dia Brasil' promovido por essa universidade e a embaixada do Brasil na Polônia. O título de minha palestra proferida no dia 11 de junho de 2015: « *Região amazônica : paraíso da biodiversidade e seus problemas* » e pode ser visualizado na site : www.brasil.com.pl

Em termos de contribuição teórica para a área de sociologia da saúde no Brasil destaco o artigo: "*Saúde e Sociedade em debate: temas perenes e*

emergentes nos encontros da Sociedade Brasileira de Sociologia », produzido em parceria com Prof. Luiz Antonio de Castro Santos publicado na Revista Brasileira de Sociologia, em 2018. Neste artigo realizamos uma análise dos temas de pesquisa em sociologia da saúde no Brasil, tendo como base os trabalhos apresentados em 5 edições do GT saúde e Sociedade no âmbito dos Congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Destaco que em 2013 obtive a concessão de bolsa de produtividade em pesquisa pelo CNPq (Pq2) e em 2019 (Pq1D), através dos projetos:

Projeto 1. A construção de relações de causalidade em saúde no contexto da hidrelétrica de Belo Monte/Pará

Este projeto foi iniciado em 2013 (com apoio do CNPq por 2 anos) e executado em parceria com o projeto *“Processos Sociais e Ambientais que acompanham a construção de Grandes Projetos: Um Estudo Socioambiental da construção da Hidrelétrica de Belo Monte, Amazônia”*, coordenado pelo Prof. Emilio Moran, da Michigan State University. Os projetos tiveram um impacto importante na minha carreira de pesquisadora, por sair de minha zona de conforto na pesquisa, no sul do País e, portanto, conhecer uma outra realidade social; por trabalhar com uma equipe de pesquisadores de forma interdisciplinar; por compreender melhor os desafios do desenvolvimento na região amazônica. Aliás, falar do desenvolvimento da região amazônica nos leva, desde já, por um caminho errado. Não existe uma região amazônica, mas muitas amazônias, cada uma com características únicas e que precisam de estratégias de desenvolvimento únicas também. Nessa pesquisa ficou evidente que um dos aspectos que mais atrasa o desenvolvimento das Amazônias é a persistente ignorância desta diversidade geológica, ecológica e humana. O reconhecimento da diversidade, que deveria ser o ponto de partida para qualquer discussão sobre estratégias de desenvolvimento na região, é negligenciado pelas políticas públicas, que continuam procurando soluções para a região como se ela fosse homogênea (Grisotti e Moran, 2020, ver tabela pag. 21).

O processo de desenvolvimento energético, que deveria representar uma abertura de oportunidades para a região amazônica e seus diversos habitantes, acabou sendo um desastre ecológico e humano. As hidrelétricas, até agora, têm sido construídas visando produzir energia para o país (principalmente para as

regiões costeiras e urbano-industriais) sem pensar nas necessidades energéticas das regiões amazônicas. As linhas de transmissão escoam a energia e deixam pouca nas Amazônias; o que deixam são rios empobrecidos de peixe, pescadores arruinados, populações urbanas, rurais, ribeirinhas e indígenas afetadas e com injusta compensação pelos danos sociais, econômicos, e ambientais. As populações a jusante do barramento, não têm sido nem consultadas, nem compensadas apesar de sentirem as maiores perdas e impactos negativos (Idem, referência completa na pag. 21).

Tres situações foram impactantes no início do projeto e que repercutiram em todo o processo de coleta de dados e análise:

- 1) Em 2012, já se podia perceber quem eram os ganhadores e os perdedores do projeto de Belo Monte; os atores sociais que conseguiam tirar vantagem do crescimento repentino e da mobilidade de pessoas na cidade e quem ficava nas margens desse projeto de desenvolvimento;
- 2) Durante uma reunião da Câmara de Saúde do PDRSX (Plano de Desenvolvimento Sustentável do Xingu), emergiu o debate sobre o aumento de casos de sífilis em gestantes na cidade de Altamira. O debate era sobre quais as causas para esse aumento. O agente responsável pelas questões de saúde do consórcio Norte Energia argumentou que esse aumento representava a falência do Programa de saúde da família na assistência ao pré-natal e o Secretário de Saúde de Altamira, por sua vez, retrucou dizendo que o problema foi ocasionado pelo aumento do número de trabalhadores (homens) na cidade em função de Belo Monte. Dois problemas analíticos (interdependentes entre si) estavam aqui colocados: o primeiro referia-se à como demonstrar a relação de causalidade entre a vinda de trabalhadores para a cidade de Altamira e o aumento do número de casos de sífilis em gestantes. Foram vários homens positivos que infectaram várias mulheres? Foram poucos homens positivos que contaminaram várias parceiras? Qual a relação desses casos com o aumento da prostituição na cidade? Como dimensionar os casos ocorridos em Altamira com o aumento dos casos notificados em várias outras regiões do Brasil ocorridos entre 2005 e 2013 (de 1.865 casos em 2005 para 21.382 em 2013, de acordo com dados do Ministério da Saúde)? Foi o aumento da capacidade de detecção de casos,

via sistema de notificação que tornou visível o que antes estava subdiagnosticado. Em relação a essa última pergunta verificamos, através de entrevistas realizadas com profissionais do sistema de Vigilância Epidemiológica de Altamira que esse município passou a notificar sífilis em gestantes a partir do ano de 2010, o que complexificou ainda mais a pesquisa e corroborou com o argumento, colocado no projeto de pesquisa, sob o qual a falta de dados e/ou a precariedade dos dados existentes sobre a saúde da população antes do início da obra de Belo Monte impedia a construção de relações de causalidade fidedignas. Além disso, como as relações publico-privado eram nebulosas e como o Estado assumiu o papel de empreendedor, já que foi o maior financiador da barragem, essa situação evidenciou também o problema: quem seria responsável pela mitigação dos impactos negativos ocasionados pela construção da barragem: o consórcio construtor ou o Estado, através de políticas públicas?

Em outra reunião do PDRSX (Plano de Desenvolvimento Sustentável do Xingu), uma outra situação inusitada ocorreu antes do início da reunião quando uma representante do Ministério de Minas e Energia queria saber o que eu estava fazendo ali. Eu informei sobre a pesquisa, e ela rapidamente perguntou: De que lado voce está? Eu respondi: de nenhum lado, eu quero analisar todos os lados; e ela respondeu: Porque aqui todos precisam escolher um lado. Essa situação foi impactante porque representava desde o início que não estava em jogo o debate sobre uma possível paralisação da obra, mas o que cada pessoa ou representante naquele espaço poderia obter em contrapartida pela aceitação da obra. Embora meu foco na pesquisa fosse os impactos à saúde de Belo Monte, minha formação como socióloga e minhas pesquisas anteriores sobre participação social em conselhos de saúde (Grisotti e Patricio, 2006) me levaram a estudar em profundidade sobre os limites da participação social, que se materializou no artigo: *“Desenvolvimento regional e aceitabilidade social de grandes projetos de infraestrutura: o caso da Câmara Técnica de saúde do PDRS do Xingu”*. Neste artigo, considero que, além do reconhecimento das assimetrias de poder no interior e entre as agências estatais, como defendido por Abers et.al (2017), é necessário compreender como as relações público-privado se estabeleceram no processo de implantação de Belo Monte e de que forma essas relações geraram as indefinições nas atribuições de

responsabilidades em relação aos impactos socioambientais; as fragilidades do pacto federativo brasileiro; a tendência para a sobreposição de esforços em participação social sem articulação com os mecanismos de participação e controle sociais já existentes, enquanto políticas de estado - como os conselhos de saúde, meio ambiente e assistência social.

A execução da pesquisa propiciou a obtenção de dados para além dos objetivos propostos inicialmente no projeto. Foram realizadas entrevistas com diversos atores sociais e institucionais, aplicação de questionários a 500 moradores da área urbana de Altamira e 400 moradores da área rural, grupos focais com agentes comunitários de saúde urbana e rural, agentes de endemias da dengue e malária. Além disso, viabilizamos um encontro com ex-agentes de endemias da SUCAM. A riqueza do material coletado permite ainda alguns anos de análises. Os resultados da pesquisa foram publicados em artigos que podem ser conferidos no material em anexo ou nas páginas das revistas.

No final de 2019, o projeto, o qual faço parte : « *After Hydropower Dams: Social and Environmental Processes that occur after the Construction of Belo Monte, Jirau and Santo Antonio in Brazilian Amazonia*”, coordenado pelo Prof. Emilio Moran, foi aprovado pela Fapesp por um período de 5 anos. Esse projeto foca nos processos sociais e ambientais que ocorrem depois que as barragens são construídas e expande o escopo geográfico da pesquisa: de Belo Monte para outras hidrelétricas, Jirau e Santo Antonio.

Projeto 2: Os dispositivos de vigilância em saúde no contexto das doenças infecciosas emergentes: estudos de casos no Brasil e na França e posteriormente “Saúde global e os dispositivos de vigilância em saúde no contexto das doenças infecciosas emergentes: estudos de casos no Brasil” (este em andamento)

O primeiro projeto iniciou durante a vigência da bolsa de produtividade e do estágio de pós-doutorado realizado em março 2015, no qual analisou os dispositivos de vigilância sanitária e epidemiológica no contexto das doenças infecciosas emergentes (com foco nas doenças zoonóticas) no Brasil e na França, bem como, as interrelações estabelecidas entre a ciência médica e a ciência veterinária e entre os setores da agricultura e da saúde nos dois países. Partindo do pressuposto de que as escolhas e as decisões políticas são seletivas e, portanto, socialmente

construídas, procurei compreender: Por que algumas doenças são eleitas como foco de atenção em detrimento de outras? Por que algumas doenças são consideradas enquanto problema de saúde pública enquanto outras passam pela periferia do debate acadêmico e das políticas de atenção à saúde? Como são construídas as redes de poder e como são feitas as escolhas políticas em relação aos processos de tomada de decisão que envolvem riscos à saúde? Qual o sistema de valores que norteia a cultura dos processos decisórios e dos dispositivos de vigilância em saúde? Para responder essas perguntas, realizou-se: a) uma revisão do conceito de doenças infecciosas emergentes (com foco nas doenças zoonóticas) e de saúde global a partir do levantamento e análise da bibliografia recente produzida no âmbito das ciências sociais sobre o assunto; b) análise do conceito de doenças infecciosas emergentes e seus impactos na reordenação das International Health Regulations e no papel da OMS, no intuito de contribuir no debate contemporâneo sobre os desafios do processo de governança dos riscos sanitários e epidemiológicos; c) análise dos limites e potencialidades do sistema de vigilância sanitária e epidemiológica no Brasil e na França, tendo como base os registros e os dispositivos de vigilância das doenças infecciosas emergentes (com foco nas doenças zoonóticas, ou seja, as doenças transmitidas entre humanos e não-humanos) realizados pelos sistemas de saúde de ambos os países; d) análise das regulamentações e dos dispositivos de vigilância sanitária e epidemiológica da União Européia em relação às doenças infecciosas emergentes (zoonóticas); e) análise das controvérsias científicas, as transformações técnicas nas relações entre humanos e animais e os dispositivos de saber e de vigilância que acompanham as medidas de saúde pública necessárias para o seu controle; f) Análise do processo de notificação e registro de doenças infecciosas contidas na Lista de Notificação de ambos os países bem como o acompanhamento dos casos suspeitos realizado pelos profissionais de saúde; g) Com base em estudos de casos realizados no Brasil analisei os limites e desafios colocados ao sistema (local, nacional e global) de vigilância dos riscos sanitários.

Com base em estudos de casos realizados no Brasil, no segundo projeto analisei os limites e desafios colocados ao sistema (local, nacional e global) de vigilância dos riscos sanitários a partir de 3 casos: Caso 1. No ano de 2010 vários casos de leishmanioses visceral ocorreram em cães no bairro Canto dos Araças, na cidade de Florianópolis. Ao mesmo tempo, Montes Claros (Minas Gerais) registra

um número grande de casos, tornando o município endêmico para essa doença. O sacrifício (morte) dos animais positivos colocou em questão o problema da relação afetiva com os animais e as medidas de saúde pública, o dilema de nossa sociedade moderna entre as práticas de liberdade individual e a segurança coletiva e o problema da comunicação social dos riscos. Caso 2. No ano 2000, uma comunidade situada na região oeste do Estado de Santa Catarina foi atingida por uma grande quantidade de lemas da espécie *Sarasinula linguaeformis*. Inicialmente foi considerada como uma praga agrícola, pois devastou grande parte da produção agrícola da região, transformou-se em problema de saúde pública, no qual foi constatada a infecção em humanos e possível existência da doença chamada angiostrongilíase abdominal, uma séria doença parasitária, muitas vezes confundida com câncer ou apendicite. Quais as condições necessárias para a descoberta de uma doença e quais os dispositivos para torná-la um problema de saúde pública? Quando uma doença se transforma em problema de saúde pública? Por que apesar de ocorrer em outras regiões do Brasil e do mundo, ela não faz parte da rotina de registro e notificação dos serviços de vigilância epidemiológica no Brasil? Caso 3. Os casos de raiva e tuberculose e brucelose bovina, nas fronteiras produtoras de gado no sul da América Latina, ilustram o problema sobre como realizar o controle de riscos sanitários quando um dos estados (ou países) é livre das doenças e outros não são? Quem será responsável e como serão realizadas as ações de controle? E, no caso de indenizações, quem é responsável? Quais as consequências econômicas da notificação de doenças em animais com grande valor no mercado da carne? Quais as práticas de mascaramento e ocultação envolvidas na negociação/comercialização da venda desses animais e produtos deles derivados? E o que essas doenças e suas práticas de ocultação revelam sobre a posição social dos produtores de carne no Brasil?

3. Os sentidos da ciência: Os discursos em defesa da ciência no contexto de ajustes financeiros no Brasil de 2017

Este projeto visa analisar os valores atribuídos à ciência expressos no Brasil contemporâneo, dentro do contexto de cortes orçamentários. Procura analisar as representações e discursos de atores-chave que ocupam um papel destacado no debate público sobre as tomadas de decisões relativas ao meio científico:

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Associação Brasileira de Ciência e ministérios. Considerando o contexto de tensões pelo qual transita o sistema científico brasileiro, derivado dos cortes orçamentários que vêm se apresentando de forma crescente desde 2014, e focalizando no ano de 2017, com a redução de 44% do orçamento estabelecido pelo governo, adentramos ao problema no intuito de reconhecer e compreender as significações relativas ao valor da ciência que se expressam nos discursos dos múltiplos atores. Utilizamos como meio de análise, documentos oficiais e discursos da mídia impressa, em complementaridade com entrevistas realizadas com informantes-chave e qualificados no contexto de disputas e grupos focais. Pretende-se por meio destas estratégias metodológicas compreender os sentidos atribuídos à ciência no contexto brasileiro contemporâneo.

4. A COVID-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento (projeto recentemente aprovado pelo MCTIC). Participo do projeto na parte específica sobre os impactos percebidos pelos profissionais da saúde

O conjunto das pesquisas realizadas tiveram um impacto no número de orientações ao longo de minha carreira docente junto à graduação em Ciências Sociais da UFSC e nos Programas de Prograduação em Sociologia Política, no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas e no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Até o ano de 2020, concluí 21 orientações de Mestrado, 12 de Doutorado, 2 de Pós-doutorado, 33 Trabalhos de Conclusão de Curso e 11 de Iniciação Científica. E orientações em andamento: 2 de Mestrado, 7 de Doutorado e 2 de graduação, 2 de Iniciação Científica e 1 de Apoio técnico.

Além disso, participei em 48 bancas de Mestrado, 33 de Doutorado, 14 qualificações de Mestrado, 32 qualificações de Doutorado e em 30 bancas de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. As participações ocorreram em diversos Programas de Pós-graduação da UFSC, e em outros Programas de universidades brasileiras e estrangeiras. E apresentei trabalhos e coordenei GT

Como produção bibliográfica publiquei 50 artigos em revistas científicas, 03 livros e 07 capítulos de livros. Também apresentei trabalhos e/ou conferências em 59 eventos nacionais e internacionais (ver tabela pag. 27) e organizei em torno de

24 eventos, além de coordenar o Grupo de Trabalho Saúde e Sociedade durante 4 edições dos Congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia.

PRÊMIOS

Além de menção de distinção e louvor na defesa da tese de Doutorado na USP, destaco tres prêmios recebidos:

- **Menção honrosa no Iº Prêmio Sérgio Arouca de Gestão Participativa no SUS, organizado pelo Ministério da Saúde e CONASEMS, com o artigo: *A participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde: um estudo qualitativo*. Brasília, 2005.**

- **Menção honrosa para melhor tese de doutorado da aluna Carmen Rosario O. Gelinski (a qual fui orientadora) no Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS, com o artigo: *Proteção social em saúde para famílias vulneráveis com monoparentalidade feminina, via Estratégia da Saúde da Família*, Brasília, 2011.**

- **Premio SOBEP- categoria profissional na área Saúde da Criança** para o artigo *A cultura do Paracetamol: percepção dos profissionais de saúde da ESF sobre os itinerários terapêuticos das mães de crianças de 0 a 6 anos*, no III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal, Florianópolis, 2009.

EXTENSAO :

Como atividades de extensão destaco 2 ações:

- 1) **Projetos:** 1) **Diagnóstico das parasitoses intestinais** em alunos das Instituições Educacionais do município de Santo Amaro da Imperatriz/SC e 2) **Representações sociais dos escolares sobre as parasitoses e as biomoléculas alimentares**. Trata-se de projetos de extensão coordenado conjuntamente com as professoras Lenilza Mattos (Departamento de Análises Clínicas da UFSC), e Juliet Sugai (Departamento de Bioquímica, da UFSC). O primeiro projeto foi desenvolvido no âmbito de acordo entre a reitoria da UFSC e a Prefeitura do município de Santo Amaro da Imperatriz/SC. Esse projeto foi aplicado inicialmente na comunidade da Serrinha, um bairro de Florianópolis.

Em ambos os projetos evidenciou-se a distância entre a produção de conhecimento científico e as estratégias sociais de sobrevivência; entre a prescrição de comportamentos saudáveis e a falta de políticas públicas para

subsidiar a qualidade de vida, quando serviços básicos, por exemplo canalização e tratamento de esgoto, inexistem.

2) Atividades de cooperação nacional e internacional

2.1. Coordenação do Programa Erasmus Fellow Mundus (de 2014-2017)

Durante o período de 2014 a 2017 exerci a função de coordenadora científica do Programa Erasmus Fellow Mundus. Trata-se de um programa de mobilidade de estudantes de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e *staff* entre universidades europeias e universidades latino-americanas, financiado pela União Europeia. Englobou 6 universidades europeias (Universidade Nova de Lisboa, Portugal; Universidade do Algarve, Portugal; Universidad de Salamanca, Espanha; Universidad de Sevilla, Espanha; Warsaw University, Polónia; Wroclaw University of Technology, Polónia) e 11 da América Latina (Universidad Mayor de San Simon, Bolívia; Universidad Andina Simon Bolivar, Equador; Universidad Nacional de Itapúa, Paraguay; Universidad del Pacífico, Peru; Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Tiradentes, Brasil; Universidad de Panamá, Panamá; Universidad Santo Tomas, Colômbia e Universidad de la Republica, Uruguay). Foram membros associados: Erasmus Mundus Association – Latin American Chapter (EMA-LA), Germany; Associação de estudantes estrangeiros – Erasmus Lisboa, Portugal; Casa da América Latina, Portugal). Foram concedidas 484 bolsas durante quatro anos.

Do ponto de vista acadêmico, esta experiência se traduziu na produção de um livro e, mais recentemente, no levantamento do impacto na carreira profissional dos bolsistas, ambos realizados em conjunto com a Prof. Iva Miranda Pires, da Universidade Nova de Lisboa. Estamos avaliando, cinco anos depois das primeiras mobilidades, o impacto nas carreiras profissionais dos bolsistas, além do *babyboom* Erasmus (fenômeno descrito na literatura que corresponde ao expressivo número de crianças nascidas pela experiência de mobilidade de estudantes Erasmus ao longo do tempo).

Esta experiência de coordenação de um programa internacional de mobilidade propiciou também a reflexão sobre as recentes tentativas de internacionalização das universidades brasileiras, propostas pelos organismos nacionais de fomento do ensino superior. Realizei um levantamento da literatura sobre avaliação de programas de mobilidade acadêmica, especialmente os Programas Erasmus, da União Européia, e o Programa Ciência sem Fronteiras, no Brasil. Também realizei entrevistas com alguns representantes das universidades parceiras na América Latina que participaram do Programa Erasmus Fellow Mundus

A revisão da literatura juntamente com as entrevistas elucidaram uma série de questões não previstas pelos projetos de internacionalização propostos pela Capes. Um livro foi produzido em 2017 em parceria com uma professora da Universidade Nova de Lisboa e a redação artigos está em andamento no qual procura-se contribuir ao debate sobre o processo de internacionalização do ensino superior, especialmente na área de ciências sociais.

2.2. Parcerias de pesquisas com universidades estrangeiras: i) Michigan State University (Prof. Emilio Moran); ii) Universidade Nova de Lisboa (Prof. Iva Miranda Pires); iii) College de France (Prof. Frederic Keck); e IRD/Montpellier (Prof. Muriel Figuié); iv) Warsaw University (Prof. Renata Ambroziak)

Entre os eventos organizados destaco: 1) Semana de Estudos com François Delaporte; 2) Semana de Estudos com Luiz Antonio de Castro Santos; 3) Coordenadora geral do I ECOSS (seminario nacional de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana) 4) Coordenadora do GT Saúde e Sociedade da Associação Brasileira de Sociologia; 5) Riscos, Incertezas e Políticas. Seminario com David Luiz Castiel; 6) Coloquio: Reflexões sobre pesquisa antropológica e políticas públicas no Brasil. Políticas públicas e Saúde; 7) Balancing between fossil and renewable energy; 8) Roda de conversa: Corpo, sexualidade e Autodeterminação; 9) When climate meets Society; 10) Performando Epidemias. O digital, o *aedes aegypty* e outras infraestruturas da biossegurança; 11) Saude global: processos e instituições; 12) Coordenação de Gt no I Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em lingua Portuguesa. Perspectivas interdisciplinares em Ecologia Humana; 13) Regionalização da assistência à saúde: coordenação intergovernamental e ação coletiva. Acrescento que no ano de 2019 participei do

curso *Essentials of global health* oferecido, na modalidade à distância, pela Yale University.

Paralelamente às atividades descritas realizei diversas ações, em diferentes períodos de minha atuação profissional, entre elas destaco:

- Revisora de periódicos, entre eles: *Technology in Society*; *Texto & Contexto Enfermagem*; *Estudos de Sociologia*; *Ambiente e Sociedade*; *Physis*; *Política & Sociedade*; *The Journal of Medical Humanities*; *Civitas: Revista de Ciências Sociais*; *Saúde e Sociedade*; *Revue d'élevage et de médecine vétérinaire des pays tropicaux*; *Cadernos de Saúde Pública*; *Journal of Environment and Development*; *Cadernos do CRH*; *INTERFACE*; *Studia Religiosa* – Poland; *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*; *Anais da Academia Brasileira de Ciências*; *Revista del CESLA*. Assim como, parecerista Ad hoc Capes/CNPq e outras agências de fomento à pesquisa estaduais.
- Participação como membro de comissão de revalidação de título de doutor e de mestre;
- Participação como membro da comissão avaliadora dos trabalhos do XVI Seminário de Iniciação Científica;
- Participação como professora, orientadora e comite de seleção do Mestrado Interinstitucional PPGSP/IFNMG;
- Membro do conselho editorial da revista *Saúde e Sociedade* e da *New Book Series Palgrave Studies on Norbert Elias*;
- Membro do comitê de seleção de bolsistas no Programa Erasmus Fellow Mundus, 2014.

ADMINISTRAÇÃO

Como atividade administrativa fui coordenadora de Pesquisa do Departamento de Sociologia e Ciência Política (SPO) no período de entre 2005 e 2007; Chefe do Departamento SPO no período de 2009 a 2011; Sub-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política em 2014, por um período de um ano, pois em 2015 obtive licença para realização de estágio sênior de Pós-doutorado. Em 2016, em meu retorno do pós-doc, assumi a coordenação do

Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. E em 2019 assumi a sub-coordenação do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

Atualmente (2020) sou membro do Subcomitê científico da UFSC para assessorar e avaliar as condições necessárias para o retorno das atividades acadêmicas da UFSC, via ensino remoto e presencial devido a pandemia de COVID-19.

Artigos publicados

1. FAQUETI, A. ; GRISOTTI, MARCIA ; RISSON, A. P. . Saúde de imigrantes haitianos: revisão de estudos empíricos qualitativos. *Interface* (Botucatu. Online), v. 24, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/icse/2020.v24/e190311/pt>
2. MENDES, ANAPAUOLA MARTINS ; ALFONSO, JOSE-ORIOLO ROMANI ; LANGDON, ESTHER JEAN ; GRISOTTI, MARCIA ; MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, ANGEL . Representações e práticas de cuidado dos profissionais da saúde indígena em relação ao uso de álcool. *Revista Ciencia & Saude Coletiva JCR*, v. 25, p. 1809-1818, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000501809&script=sci_arttext
3. GIODA, F. R. ; GRISOTTI, M. ; Langdon, Jean E. . Violência estrutural e adoecer no Haiti: reflexões sobre uma experiência. *Saúde e Sociedade JCR*, v. 29, p. 1-14, 2020. Disponível https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902020000200306&script=sci_abstract&lng=pt
4. GRISOTTI, MÁRCIA; MORAN, EMILIO FEDERICO. Os novos desafios do desenvolvimento na região amazônica. *CIVITAS: Revista de Ciências Sociais*, v. 20, p. 1-4, 2020. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/36617>
5. GRISOTTI, M.; Felipe, M. R.; RAMOS, A. M. . Desenvolvimento regional e aceitabilidade social de grandes projetos de infraestrutura: o caso da Câmara Técnica de saúde do PDRS do Xingu. *Civitas. Revista de Ciências Sociais* v. 29, p. 32-42, 2020. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/34641>
6. GRISOTTI, MÁRCIA. Pandemia de Covid-19: agenda de pesquisas em contextos de incertezas e contribuições das ciências sociais. *PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, p. 1-7, 2020. Disponível em: https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2020/04/physis30_2_a02.pdf
7. NEIVA, RICARDO JARDIM. GRISOTTI, MARCIA . Representações do estigma da hanseníase nas mulheres do Vale do Jequitinhonha-MG. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, p. e290109, 2019. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312019000100608&script=sci_arttext

8. RODRIGUES, R. R. N. GRISOTTI, MARCIA. Comunicando sobre Zika: recomendações de prevenção em contextos de incertezas. *Interface* (Botucatu. Online), v. 23, p. 1-14, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832019000100286&script=sci_abstract&lng=pt
9. SANTOS, F. S. ; GRISOTTI, MARCIA . Entre liberdade individual e saúde coletiva: saberes e práticas em caso de descontinuidade do tratamento da tuberculose. *Revista del CESLA*, v. 24, p. 219-242, 2019. Disponível em: <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.ojs-issn-2081-1160-year-2019-issue-24-article-625>
10. MENDES, A. M. ; LEITE, M. S. ; Langdon, Jean E. ; GRISOTTI, MÁRCIA . O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil. *REVISTA PANAMERICANA DE SALUD PUBLICA JCR*, v. 42, p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2018.v42/e184/>
11. LIMA, CLARA CYNTHIA ; GRISOTTI, MARCIA . Relação humano-animal e leishmaniose: repercussões no cotidiano de indivíduos inseridos em região endêmica. *Saude e Sociedade JCR*, v. 27, p. 1261-1269, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902018000401261&lng=pt&nrm=iso
12. BOURGUIGNON, ANA MARIA; GRISOTTI, MARCIA. Concepções sobre humanização do parto e nascimento nas teses e dissertações brasileiras. *Saude e Sociedade JCR*, v. 27, p. 1230-1245, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902018000401230&lng=pt&nrm=iso
13. GIODA, FABIANE ROSA; GRISOTTI, MÁRCIA . A religiosidade e a violência estrutural como fatores influentes no processo saúde/enfermidade/atenção em uma comunidade do Haiti rural.. *MÉTIS: HISTÓRIA & CULTURA*, v. 17, p. 57-77, 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6938>
14. QUEIROZ1, P. S. F. ; GRISOTTI, MARCIA . Os desafios para a implementação da humanização como política pública. *Educação, Escola & Sociedade*, v. 11, p. 40-54, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rees/article/view/134>
15. GRISOTTI, MÁRCIA; Santos, L. A. de C. . Saúde e Sociedade em debate: temas perenes e emergentes nos encontros da Sociedade Brasileira de Sociologia. *REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*, v. 6, p. 290-310, 2018. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/366>
16. GARCIA Jr., Carlos A. S. ; VERDI, Maria Inez Machado ; GRISOTTI, M. .

Cuidado e escuta: análise da relação médico e usuário a partir do Programa Mais Médicos no município de Florianópolis e Joinville. *Saúde & Transformação Social*, v. 8, p. 56-66, 2017. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/issue/view/558/showToc>

17. BOANADA, VANESSA ; LETURCQ, GUILLAUME ; GRISOTTI, MÁRCIA . Acceptabilité sociale et place de la population lors de la construction du barrage de Belo Monte (Brésil). *Éthique publique*, v. 18, online, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ethiquepublique/2540>
18. GRISOTTI, M.. A construção de relações de causalidade em saúde no contexto da hidrelétrica de Belo Monte. *Ambiente & Sociedade*, v. 19, p. 291-310, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2016000200287&script=sci_abstract&lng=pt
19. GRISOTTI, M.. Governança em saúde global no contexto das doenças infecciosas emergentes. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 16, p. 377-398, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/23418>
20. GIODA, F. R. ; GRISOTTI, M. ; RIAL, C. S. . Abordagens sobre riscos na sociedade contemporânea: uma reflexão envolvendo a sociedade haitiana. *Estudos de Sociologia*, v. 21, p. 379-392, 2016. Disponível em:
21. GRISOTTI, M.; AVILA-PIRES, F. D. Alimentos, saúde e percepção pública sobre alegações dos alimentos funcionais: um estudo de caso no Brasil. *Revista del CESLA*, v. 19, p. 153-174, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2433/243349208007.pdf>
22. LIMA, A. M. B. ; GRISOTTI, MÁRCIA . A emergência do discurso de humanização do parto e nascimento nas teses e dissertações brasileiras (1987-2012). *Publicatio UEPG*, v. 24, p. 345-356, 2016.
23. LIMA, C. C. M. ; GRISOTTI, MÁRCIA ; SANTOS, F. S. . Os desafios do controle das leishmanioses no contexto da cidade de Montes Claros(MG). *Revista Unimontes Científica*, v. 18, p. 131-147, 2016. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/455>
24. GRISOTTI, M.. A Ética em pesquisa com seres humanos: desafios e novas questões. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 3, p. 159-175, 2015. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/155>
25. Zarpelon, J. T. G. ; GRISOTTI, M. . Entre discursos discursos e práticas: análise do discurso do governo Lula (2003-2010) no contexto da construção da usina Belo Monte. *Estudos de Sociologia*, v. 1, p. 387-404, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/6460>
26. BOEHS, A ; Ribeiro, E. ; GRISOTTI, M. ; RUMOR, P. C. F. . Percepções das

mães sobre os cuidados á saúde da criança de 0 A6 anos. *REME. Revista Mineira de Enfermagem*, v. 15, p. 114-120, 2011. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/15>

27. Silveira, S.da G. ; GRISOTTI, M. . Trabalho e saúde: um estudo sobre o processo saúde ? doença dos servidores de um hospital universitário. *Saúde & Transformação Social*, v. 2, p. 18-27, 2011. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/1086>
28. GRISOTTI, M.; SACCOL, A. . Apresentação do dossiê: Ecologia Humana e Saúde. *Política & Sociedade*, v. 10, p. 7-9, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/21609/19590>
29. Gaedtke, K.M. ; GRISOTTI, M. . Os Conselhos Municipais de Saúde: uma revisão da literatura sobre seus limites e potencialidades. *Política & Sociedade*, v. 10, p. 115-137, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n19p115>
30. ★ GRISOTTI, M.; AVILA-PIRES, F. D. . Worms, slugs and humans: the medical and popular construction of an emerging infectious disease. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 18, p. 877-892, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22012103/> Citações: **WEB OF SCIENCE™** 2 | **SCOPUS**1
31. BOEHS, A. E. ; RIBEIRO, E. M. ; GRISOTTI, M. ; RUMOR, P. C. F. ; Saccol, A.P. . A percepção dos profissionais de saúde sobre os cuidados das mães de crianças entre 0 a 6 anos usuárias da Estratégia de Saúde da Família. *Physis (UERJ. Impresso)*, v. 21, p. 1005-1021, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000300013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Citações: **SciELO**4
32. GRISOTTI, M.; PATRICIO, Z M ; SILVA, Andréa da . A participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde: um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva JCR*, v. 15, p. 831-840, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000300026&script=sci_abstract&tlng=pt Citações: **WEB OF SCIENCE™** 2 | **SciELO**12 | **SCOPUS**3
33. ★ GRISOTTI, M.. Doenças infecciosas emergentes e a emergência das doenças: uma revisão conceitual e novas questões. *Ciência e Saúde Coletiva (Impresso) JCR*, v. 15, p. 1095-1104, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000700017&script=sci_abstract&tlng=pt
34. GRISOTTI, M.; Gelinski, Carmen, R. O. G. . Visões parciais da pobreza e as políticas sociais recentes no Brasil. *Revista Katálisis (Impresso)*, v. 13, p. 210-219, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v13n2/08.pdf> Citações: **SciELO**3

35. Silveira, S.da G. ; GRISOTTI, M. . As consequências da modernidade para o serviço público. *Política & Trabalho* , v. s/n, p. 13-28, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/issue/view/688>
36. GRISOTTI, M.; Gelinski, Carmen, R. O. G. . Caráter restrito das políticas sociais recentes no Brasil. Florianópolis: Publicação do departamento de ciências econômica da UFSC, 2010 (*Atualidade Econômica - Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC*). Disponível em:
37. Mattedi, M. A. ; GRISOTTI, M. ; Spiess, M. R. ; Bennertz, R. . A coperformação das ciências e sociedade: entrevista com Michel Callon. *Política & Sociedade*, v. 8, p. 383-408, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewArticle/11629>
38. 🌟 GRISOTTI, M. A construção dos fatos científicos e a existência dos vetores de doenças. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, p. 93-103, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000100006&script=sci_abstract&lng=pt
39. GRISOTTI, M.; AVILA-PIRES, F. D. . Impactos socio-econômicos e sanitários da emergência de lesmas em Santa Catarina. *Ciência & Saúde Coletiva* (Online) **JCR** , v. eletro, p. 0686/2007, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a28.pdf>
40. BOEHS, A ; RUMOR, P. C. F. ; GRISOTTI, M. ; Souza, A. C. . The itinerary of families with children from 0 to 6 years of age in the search for health care. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 6, p. 23, 2007. Disponível em: <http://objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/617/146>
41. BOEHS, A ; HEIDEMANN, I S B ; Monticelli, M. ; GRISOTTI, M. ; Wosny, A. M. . A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. *Texto & Contexto. Enfermagem JCR*, v. 16, p. 27-41, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072007000200014&script=sci_abstract&lng=pt Citações: **SCOPUS** 21
42. GRISOTTI, M.; BOEHS, A ; D'Aquino, M.W. . Routines in families with infants. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* (Ribeirão Preto) **JCR**, v. 15, p. 902-908, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18157440/> Citações: **WEB OF SCIENCE** 1 | **SciELO** 6 | **SCOPUS** 2
43. GRISOTTI, M. Sistemas Médicos: oficial, familiar e paralelo. Estudo de percepção e comportamento em relação ao processo saúde-doença em uma comunidade de baixa renda de Florianópolis (SC). *Política & Trabalho*, João Pessoa, v. 12, n.20, p. 117-139, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6520>
44. GRISOTTI, M. Representações sociais em saúde: Soma de propriedades individuais ou propriedades emergentes?. *Cadernos CERU* (USP), São Paulo, v. 15, p. 232-247, 2004. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75334>

45. GRISOTTI, M.; PIRES, F. D. A. . Uma Nova Versão Sobre a Constituição da Doença de Chagas no Brasil. *Episteme* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 19, p. 159-164, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/episteme/issue/archive>
46. BOEHS, A ; HEIDEMANN, I S B; GRISOTTI, M.; . Comunidade e Órgãos Públicos: quem pode resolver os problemas sócio-ambientais?. *Revista Katalysis*, Florianópolis, v. 6, n.2, p. 203-210, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/6499>
47. GRISOTTI, M.. Processo saúde-doença: percepções e comportamentos. *Cadernos CERU* (USP), São Paulo, v. 12, p. 115-137, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75090>
48. GRISOTTI, M.. Nucleo de Extension e Investigación Popular y Salud: genesis, desarrollo y perspectivas. *Revista Desafios*, Rosário - Argentin, n.dez/2000, p. 93-98, 2000. Disponível em:
49. GRISOTTI, M.. Políticas de saúde e sistemas médicos no Brasil. *Revista Katalysis*, Florianópolis, v. 3, p. 49-62, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/5660/5152>
50. GRISOTTI, M.. Saúde e filosofia: como pensar filosoficamente sobre saúde?. *Philos*, v. 3, n.5, 1996.

Artigos no prelo:

1. BOURGUIGNON, Ana Maria; GRISOTTI, MARCIA. A Humanização do Parto e Nascimento no Brasil nas trajetórias de suas pesquisadoras. (no prelo História, Ciência & Saúde Manguinhos), 2020.
2. GRISOTTI, Marcia; VANCONCELOS, Dinar D; MORAN, Emilio, SILVA, Geysiane. Agentes comunitários de saúde no contexto da implantação de grandes obras de infraestrutura: o caso da hidrelétrica Belo Monte –PA. (no prelo. Revista Estudos de Sociologia), 2020.

Artigos em avaliação:

1. BIRRIEL, Mariana L.; GRISOTTI, Marcia; AVILA PIRES, Fernando D.; FERRARI, Isaura W.; RAPOSO, Julia. O valor da ciência: considerações sobre os sentidos atribuídos à ciência no Brasil de 2017.
2. BUSATO, Maria A.; GRISOTTI, M. Avaliação de impacto à saúde no processo de implantação de usinas hidrelétricas: contribuições metodológicas
3. BUSATO, Maria A.; GRISOTTI, M.; NOTHAFT, Simone C. S.; FELIPE, Marina R. Aspectos da saúde humana em regiões de implantação de usinas hidrelétricas: uma revisão integrativa da literatura.

Livros publicados/organizados ou capítulos

1. PIRES, I. M. ; GRISOTTI, M. *Fellow-Mundus Mobility Programme (2014-2017)*. 1. ed. 2017. v. 200. 78p .
2. Langdon, Jean E. (Org.) ; GRISOTTI, M. (Org.) . *Políticas públicas: reflexões antropológicas*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. v. 1. 298p .
3. GRISOTTI, M.; ORCHARD, Maria Soledad Etcheverry . *Introdução às Ciências Sociais*. Florianópolis: UFSC, 2011. 100p .
4. GRISOTTI, M.; PATRICIO, Z M . *A Saúde coletiva entre discursos e práticas: a participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde em Florianópolis/SC*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 159p .
5. GIODA, F. R. ; GRISOTTI, MARCIA . Religion and the Health-Illness-Attention Process: a Haitian Case Study. In: Solange Ramos de Andrade, Renata Siuda-Ambroziak, Ewa Stachowska. (Org.). *Brazil-Poland. Focus on Religion*. 1ed.Maringá: Edições Diálogos/State University of Maringá; Warsaw, Poland:, 2019, v. 4, p. 215-244.
6. GRISOTTI, M. Interfaces entre ciências sociais e saúde e reflexões sobre políticas de saúde. In: Esther Jean Langdon, Márcia Grisotti. (Org.). *Políticas públicas : reflexões antropológicas*. 1ed.Florianópolis: Editora da UFSC, 2016, v. 1, p. 63-82.
7. LETURCQ, GUILLAUME ; GRISOTTI, MÁRCIA . *Le vivant dans le contexte d'une ville en plein bouleversement : Altamira en Amazonie brésilienne*. In: Bernard Lensel. (Org.). *Le vivant en ville, Nouvelles émergences*. 1ed.Lyon. Métropole de Lyon, 2016, v. , p. 48-59.
8.  GRISOTTI, M.; AVILA-PIRES, F. D. . The concept of emerging infectious disease revisited. In: Ananya Mukherjea. (Org.). *Understanding Emerging Epidemics: Social and Political Approaches*. Advances in Medical Sociology. Londres: Emerald, 2010, v. 11, p. 61-75.
9. GRISOTTI, M.. *Alegações de saúde dos alimentos funcionais: condições para a sua emergência e seu impacto na saúde individual e coletiva..* In: Julia Guivant, Gert Spaargaren, Carmen Rial. (Org.). *Novas práticas alimentares no mercado global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010, v. , p. 189-210.
10. GRISOTTI, M.; PATRICIO, Z M . A saúde coletiva entre discursos e práticas: a participação de trabalhadores, usuários e conselheiros de saúde no município de Florianópolis/SC. In: Ministério da Saúde. (Org.). *Prêmio Sérgio Arouca de Gestão Participativa - Trabalhos Premiados e Menções Honrosas*. Brasília -DF: Editora do Ministério da Saúde, 2007, v. , p. 114-121.

Apresentações de Trabalho/Coordenação de GT/Chair

GRISOTTI, MARCIA. Saude e participação social em Belo Monte. (Apresentação de trabalho no Seminário Processos sociais e ambientais da construção de Belo Monte, FAPESP/SP), 2019

GRISOTTI, MARCIA. Mapeando Controvérsias Contemporâneas: vida. Produção do conhecimento médico e suas controvérsias. (Participação em Mesa redonda, UFSC), 2019.

GRISOTTI, M. Salud-Enfermedad como proceso y experiencia: historia social de una enfermedad infecciosa emergente. (Congreso XVII Congreso de Antropología en Colombia), Colombia, 2019.

GRISOTTI, M. Debatedora da palestra de Stephan Fuchs (University of Virginia): A Theory of Observer, Florianopolis, 2019.

GRISOTTI, M. Global health governance in the context of risks and uncertainties. (Trabalho apresentado na 27th Annual Conference of the Society for Risk Analysis Europe. Risk & Uncertainty - from critical thinking to practical impact), Ostersund, Suécia, 2018.

GRISOTTI, M. Chair na sessão **Human Health and Wellbeing**, durante a XXIII Conference of the Society for Human Ecology, julho 2018, Lisboa.

GRISOTTI, MARCIA. Disease as process and as experience: social history of an emerging infectious disease. (Apresentação de Trabalho no Congresso da 18th IUAES World Congress), Florianopolis, 2018.

GRISOTTI, MARCIA. The construction of health causal relations and social imaginary in the Belo Monte dam context. (Apresentação de Trabalho no Congresso da SHE Conference. XXIII International Conference Society for Human Ecology), Lisboa, 2018.

GRISOTTI, M. Governança em saúde e meio ambiente em tempos turbulentos: o caso da barragem de Belo Monte, Brasil. 2018. (Conferência Universidade Nova de Lisboa), Lisboa, 2018.

GRISOTTI, M. Apresentação de trabalho no colóquio: Nature et Ville: regards croisés franco-lusophones. Les apports de l'ouvrage: Le vivant en ville: nouvelles émegeces. Université de Tours, França, 2018.

GRISOTTI, MARCIA. Global health governance in the context of risks and uncertainties.. Apresentação de Trabalho no Congresso da SHE Conference. XXIII International Conference Society for Human Ecology), Lisboa, 2018.

GRISOTTI, MARCIA. Global health governance in the context of risks and uncertainties. Trabalho apresentado no 27th Annual Conference of the Society for Risk Analysis europe. Ostersund, Suécia, 2018.

GRISOTTI, MARCIA. Saúde e Alimentação: estudo sobre a percepção pública das alegações de saúde de alimentos funcionais. (Conferência apresentada no

Seminario de Investigação em Ecologia Humana da Universidade Nova de Lisboa), Lisboa, 2017.

GRISOTTI, MARCIA Debatedora da palestra : What is Relational Sociology? Proferida pelo Prof. François Depealteau (Laurentian University/Canadá). Debatedora da palestra proferida. 2017.

GRISOTTI, MARCIA. Debatedora Encuentro Académico: Aproximaciones interdisciplinarias del cuidado en salud mental, una mirada desde la sociologia francesa e la sociologia de la salud en Brasil. 2017

GRISOTTI, MARCIA Sociologia de la salud: Prácticas, instituciones y políticas de salud. Apresentação de trabalho na mesa redonda no XXXI Congreso de La Asociacion Latinoamericana de Sociologia, Montevideo, Uruguay, 2017.

GRISOTTI, MARCIA Participação na mesa redonda Diagnósticos socioeconômicos de desastres e grandes empreendimentos. Limites e possibilidades de avanço em avaliação. Fundação Getuli Vargas, Sao Paulo, 2017.

GRISOTTI, MARCIA. La dimension environnementale et de la santé de Belo Monte (Pará) et Mariana (MG) (Trabalho apresentado no Seminário Geografia, Planejamento e Desenvolvimento Sustentável na América Latina, Paris, 2016.

GRISOTTI, MARCIA How to reduce the social impacts. Public health: Always forgotten in delivering needed services (Trabalho apresentado no Seminário Public Policies and Hydroelectric Dams), Michigan State University, 2016

GRISOTTI, MARCIA The concept of emerging infectious disease revisited. New challenges for understanding and communicating risks. Palestra ministrada no curso de graduação em geografia da Michigan State University. 2016.

GRISOTTI, MARCIA. Entre L'amour aux animaux et la santé publique. Trabalho apresentado no Seminário Relations hommes/animaux: questions contemporaines), College de France, Paris, 2016.

GRISOTTI, MARCIA. As dimensões da saúde no contexto de Belo Monte. (Apresentação de Trabalho, UNICAMP, 2016.

GRISOTTI, MARCIA. Região amazônica: paraíso da biodiversidade e seus problemas. Conferencia apresentada no evento Bom dia Brasil (Warszawie Festiwal Brazylijski), Warsaw University, Varsóvia, Polônia. 2015

GRISOTTI, M As dimensões de saúde no contexto de Belo Monte. Palestra apresentada no seminário: Interconexões entre os diversos contextos dos impactos de Belo Monte na região de Altamira, Altamira, Pará, 2015.

GRISOTTI, M Apresentação de palestra no Simposio Ibero-Americano em Ecologia Humana. Ecologia Humana e Sociologia da Saúde, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

GRISOTTI, M Emerging infectious diseases: challenges for understanding and communication of risks. Trabalho apresentado na Conferencia: Epidemic entanglements - exploring the interrelation between cities and infectious disease, Frankfurt, 2014.

GRISOTTI, M Debatedora do Ateliê de pesquisa 3: Políticas públicas, Estado e práticas urbanas. Jornadas antropológicas, Florianópolis, 2013.

GRISOTTI, M Public understanding on controversies, uncertainties and risks of the health claims of functional foods in Brazil. Trabalho apresentado na Conferencia Risk & Uncertainty. Ontologies and methods, Amsterdam, 2013

GRISOTTI, M Alimentos funcionais e saúde: um estudo sobre a percepção pública e as controvérsias de suas alegações. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, Rio de Janeiro, 2013.

GRISOTTI, M. Palestrante na Mesa Redonda: Implantação de Políticas Públicas Saudáveis ? no I Simpósio Catarinense de Promoção da Saúde, UFSC, 2012

GRISOTTI, M. The concept of emerging infectious diseases revisited: new challenges for understanding and communication of risks (Trabalho apresentado na Conferencia: Risk and Society: Decisions & Responsibilities), Zurich. 2012.

GRISOTTI, M Risks and uncertainties in the social construction of an emerging infectious disease. Trabalho apresentado na Conferencia Risk, Uncertainty and Policy, Ostersund, Suécia, 2011.

GRISOTTI, M. Health claims for functional foods in Brazil and Europe: global healthy food market and its impacts on the local public health. (Apresentação de trabalho na 13 Biennial Congress of the European Society for Health and Medical Sociology), Ghent, Belgica, 2010.

GRISOTTI, M. Alimentação e saúde: perspectivas científicas, representações sociais e regulações institucionais. Apresentação de trabalho na mesa redonda no I ECOSS - Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana, UFSC, 2010.

GRISOTTI, M.; AVILA-PIRES, F. D. Doenças infecciosas emergentes: um estudo sobre as fragilidades de sua definição e as políticas de controle. (Apresentação de Trabalho no Congresso da ANPPAS), 2010.

GRISOTTI, M. Doenças infecciosas emergentes: uma revisão conceitual e novas questões. (Apresentação de trabalho no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia/Rio de Janeiro), 2009.

GRISOTTI, M. As zoonoses do século XXI e as perspectivas de pesquisa nas ciências sociais. (Seminário UFSC), 2009.

GRISOTTI, M. Ciência e Vigilância Epidemiológica: uma revisão do conceito de doenças infecciosas emergentes e novas questões. Palestra proferida no Programa de Pós-graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências

da UNICAMP, 2009.

GRISOTTI, M.. Os conselhos de saúde e sua real atuação. (Apresentação de Trabalho em mesa redonda do 44º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical/ 2º Encontro de Medicina Tropical do Cone Sul/ 3º Encontro de Medicina Tropical dos Países de Língua Portuguesa), Porto Alegre, 2008.

GRISOTTI, M.. The emergence of slugs as a farming pest problem and as source of disease in Brazil: a study of the socioeconomic impacts. (Apresentação de trabalho no Conferência: Common ground, Converging gazes. Integrating Social and Environmental in History, Paris, 2008

GRISOTTI, M.. Comunicação e percepção pública: um estudo sobre os impactos socioeconômicos de uma pesquisa médica e agrícola. Trabalho apresentado no VII ESOCITE - Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, Rio de Janeiro, 2008.

GRISOTTI, M.. Health claims for functional foods: national regulations and the global market (Apresentação de trabalho no 1st World Forum of Sociology), Barcelona. 2008.

GRISOTTI, M.; GUIVANT, J. Raud, Cecile H. Health claims for functional foods in Brazil and Europe. (Apresentação de Trabalho no seminário Food, Society and public health promovido pela British Sociological Association, 2008.

GRISOTTI, M.. Controversies about functional foods. (Apresentação de Trabalho em Wageningen University, Holanda), 2008.

GRISOTTI, M.. A Angiostrongilíase abdominal em Santa Catarina. (Apresentação de Trabalho no I Encontro Catarinense de Medicina Tropical), Ffiroanopolis, 2007.

GRISOTTI, M.. Health, Environment and the Social Construction of an emerging infectious disease. (Apresentação de Trabalho na British Library, London), 2007

GRISOTTI, M. A emergência de lesmas como praga agrícola e vetor de doenças em santa catarina: um estudo dos impactos socioeconomicos (Apresentação de trabalho no IV Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em saúde, X Congresso da Associação LatinoAmericana de Medicina Social e XIV Congresso da Associação Internacional de Política de Saúde). Salvador, Bahia, 2007

GRISOTTI, M.: A participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde na consolidação do SUS: um estudo qualitativo (Apresentação de trabalho no IV Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em saúde, X Congresso da Associação LatinoAmericana de Medicina Social e XIV Congresso da Associação Internacional de Política de Saúde. Salvador), Bahia, 2007

GRISOTTI, M.. The worm, the slug and man. Medical and popular construction of an emerging infectious disease. (Apresentação de Trabalho no 38th Annual Conference Medical Sociology Group (British Sociological Association), Edinburgh, 2006.

GRISOTTI, M. A construção do conhecimento médico sobre a angiostrongilíase abdominal. (Apresentação de Trabalho XLI Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e I Encontro de Medicina Tropical do Cone Sul, Florianópolis), 2005.

GRISOTTI, M. A Saúde coletiva entre discursos e práticas: a participação de usuários, trabalhadores e conselheiros de saúde em Florianópolis/SC. (Apresentação de Trabalho na Entrega do Premio Sergio Arouca), Ministério da Saúde, Brasília, 2005.

GRISOTTI, M. A percepção e a construção da doença. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GRISOTTI, M. O verme, a lesma, o homem e a construção de uma doença infecciosa emergente. (Apresentação de Trabalho no Seminário Interno do PPGSP), 2004.

GRISOTTI, M. O Pensamento de Pierre Bourdieu. (Palestra conferida no Programa de Pós-graduação em Administração da UFSC), 2004.

GRISOTTI, M. Representações sociais em saúde: soma de propriedades individuais ou propriedades emergentes? (Apresentação de Trabalho no Seminário do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP), São Paulo, 2001.

GRISOTTI, M. Processo saúde-doença: percepção e comportamentos. (Apresentação de Trabalho no Seminário do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP), São Paulo, 2000.

GRISOTTI, M. Preparação para a aposentadoria. 1993. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GRISOTTI, M. O trabalho produtivo. 1993. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GRISOTTI, M. Educação e Ética Ambiental. (Apresentação de Trabalho no Congresso de Filosofia para Crianças), Curitiba, 1991.

Textos em jornais de notícias/revistas

1. GRISOTTI, MARCIA. De meses a anos: as previsões dos especialistas para a vida voltar ao normal. ND - Jornal Notícias do Dia, Florianópolis, 08 maio 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/de-meses-a-anos-as-previsoes-dos-especialistas-para-a-vida-voltar-ao-normal/>
2. GRISOTTI, MARCIA. O futuro dos espaços públicos das cidades no pós-pandemia. ND - Jornal Notícias do Dia, Florianópolis, 06 jun. 2020. Disponível

em: <https://ndmais.com.br/noticias/o-futuro-dos-espacos-publicos-das-cidades-no-pos-pandemia/>

3. GRISOTTI, M. Uma ponte entre Europa e América Latina. Revista FAPEU, Florianópolis, p. 19 - 19, 09 dez. 2014. (em anexo)